



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 11/09/2018



OMM prevê ocorrência de El Niño no fim de 2018

Agência da ONU revela que possibilidade de ocorrência do fenômeno é de 70%; temperaturas de superfície devem ser altas na maior parte da Àsia-Pacífico, Europa, América do Norte, África e costa da América do Sul.

A Organização Mundial da Meteorologia, OMM, anunciou que a probabilidade do fenômeno climático El Niño ocorrer é de 70% até o fim do ano.

Em comunicado, emitido em Genebra, a agência disse não esperar que o fenômeno seja de forte intensidade como o de 2015-2016, mas prevê “impactos consideráveis”.

Aquecimento

Pela primeira vez, a agência acompanhou a Atualização sobre o El Niño com a previsão climática global para o período entre setembro e novembro, através de dados de centros credenciados pela OMM em várias partes do mundo.

Para a agência, existe uma grande possibilidade de ocorrerem altas temperaturas de superfície em grande parte da Àsia-Pacífico, Europa, América do Norte, África e ao longo da costa da América do Sul.

Chuvas

O fenômeno El Niño resulta do aquecimento periódico no leste do Oceano Pacífico, que pode provocar seca em algumas regiões e chuvas fortes em outras.

As possíveis exceções são áreas do interior da América do Sul, da Gronelândia e várias ilhas do Pacífico Sul, além de regiões caribenhas.

O secretário-geral da OMM, Petteri Taalas, destacou que 2018 deve ser um dos anos mais quentes de que há registro, após altas temperaturas ocorridas em julho e agosto em várias partes do mundo.

FONTE: https://twitter.com/WMO/status/1039077304037724160/photo/1?ref_src=twsrc%5Etfw%7Ctwcamp%5Etweetembed%7Ctwterm%5E1039077304037724160%7Ctwgr%5E373939313b73706563696669635f73706f7274735f616374696f6e&ref_url=https%3A%2F%2Fnews.un.org%2Fpt%2Fstory%2F2018%2F09%2F1637232



Migração, agricultura e mudança climática: Reduzindo vulnerabilidades e melhorando a resiliência

Este documento discute as ligações entre mudança climática, agricultura e migração de uma perspectiva global e destaca os principais fatores a serem considerados para melhorar a segurança alimentar, **resiliência** e redução de riscos. O documento primeiro discute a migração e a agricultura no contexto da mudança climática, que impulsiona a migração não apenas por meio de condições climáticas extremas, mas também por seu impacto sobre os meios de subsistência agrícolas. Este documento também aborda os desafios e oportunidades de migração no âmbito das alterações climáticas, nomeadamente através da gestão dos fluxos migratórios como estratégia para adaptação às alterações climáticas e redução das vulnerabilidades.

Embora os impactos da mudança climática na agricultura e na segurança alimentar estejam relativamente bem estabelecidos, **os efeitos em cascata da mudança climática sobre a migração e suas consequências para a agricultura não foram adequadamente avaliados e abordados**. São necessários esforços para discutir esta lacuna de conhecimento.

FONTE: http://www.fao.org/3/i8297EN/i8297en.pdf?utm_source=twitter&utm_medium=social%20media&utm_campaign=faoclimate



Sistemas de agricultura familiar no Himalaia indiano: principais tendências e inovações para a resiliência

Este relatório fornece os resultados do estudo de linha de base do **projeto Smallholder Innovation for Resilience (SIFOR)** na Índia. O estudo explorou as principais tendências em meios de **subsistência e migração, segurança alimentar, diversidade de culturas e sistemas de sementes, mudanças climáticas e capital social**, que fornecem o contexto para a inovação. Ele explorou inovações bioculturais desenvolvidas em resposta a mudanças climáticas e socioeconômicas, e as pessoas, instituições, redes e fatores no nível da comunidade apoiando seu desenvolvimento. Envolveu um estudo de base

qualitativo em 2012-2013 e um inquérito quantitativo em 2013-2014, envolvendo 165 agregados familiares no total.

O projeto é baseado em dois locais na Índia: cinco aldeias agrícolas tradicionais no Himalaia Central (CH) e cinco aldeias Lepcha e Limbu no Himalaia Oriental (EH). A população de CH pratica o hinduísmo e segue o sistema de castas, mas a maioria das pessoas possui e cultiva sua própria terra. As florestas sempre formaram parte integrante de suas práticas agrícolas, com pessoas dependentes de biomassa florestal para combustível, forragem e composto. Na EH, uma floresta subtropical e hotspot de biodiversidade, os Lepcha são instintivamente caçadores-coletores, enquanto os Limbu eram os principais comerciantes de gado. A agricultura continua a ser a principal fonte de subsistência em ambas as regiões, com uma mudança para a agricultura de mercado, embora os sistemas tradicionais de agricultura mista continuem.

As comunidades no CH e EH não distinguem os domínios biológico e cultural: consideram a natureza sagrada e o conhecimento tradicional de árvores, colheitas, animais e remédios caseiros desempenham um papel importante em seus meios de subsistência. Festivais e comida formam uma parte ininterrupta de suas tradições, e os conhecimentos, rituais e práticas tradicionais refletem seus valores culturais de reciprocidade, solidariedade, equilíbrio e coletividade.

O projeto SIFOR visa fortalecer os sistemas tradicionais de inovação baseados no conhecimento para a segurança alimentar em face da mudança climática, por meio de pesquisa-ação participativa na Índia, China, Quênia e Peru. O projeto centra-se nas inovações baseadas no património biocultural: inovações que surgem da interação entre os componentes do património biocultural (conhecimento tradicional, biodiversidade, paisagens, valores culturais e espirituais e leis consuetudinárias), ou entre conhecimento tradicional e externo.

FONTE: <http://pubs.iied.org/pdfs/17618IIED.pdf>



A relação entre o programa do sistema de classificação da comunidade e a recuperação de desastres de negócios

Este estudo tem como objetivo preencher uma lacuna de conhecimento sobre até que ponto as atividades de mitigação no nível da comunidade impactam os esforços de recuperação de desastres nos Estados Unidos. Usando dados coletados de 25 entrevistas semiestruturadas com empresas e funcionários do governo local, este estudo examina os esforços de recuperação de desastres comerciais do furacão Irma em relação a se o negócio está localizado em um condado que participa do **Sistema de Classificação Comunitária da Agência Federal de Gerenciamento de Emergências (CRS)**.) programa. O CRS é um programa federal, voluntário, criado em 1990 para

incentivar as comunidades a implementarem atividades de manejo de várzea que excedam os requisitos mínimos do Programa Nacional de Seguro contra Inundações.

Descobertas preliminares sugerem que as empresas localizadas em comunidades com classificações mais altas de CRS se recuperaram mais rapidamente e sofreram menos impacto do que as empresas localizadas em comunidades com classificações mais baixas de CRS. As constatações também indicam que a dependência (tanto em outras empresas quanto os clientes), estresse e reações emocionais, considerações financeiras, problemas com pessoal, trabalho com contratados e seguradoras e problemas na cadeia de suprimentos afetaram a capacidade de recuperação rápida das empresas.

FONTE: <https://hazards.colorado.edu/quick-response-report/the-relationship-between-the-community-rating-system-program-and-business-disaster-recovery>



Pequenas empresas: impacto de desastres e construção de resiliência - Estudos de caso do Japão, México e Índia

Este estudo enfoca Micro, Pequenas e Médias Empresas (MPMEs) e seu papel na redução e recuperação de riscos de desastres, com foco em casos no Japão, México e Índia. Até agora, pouco tem sido estudado em termos do impacto que os desastres têm sobre as MPMEs, o tempo que eles levam para recuperar (se é que o fazem), o impacto indireto que suas dificuldades têm na comunidade e o papel positivo que poderiam desempenhar na recuperação alavancando toda a comunidade. Através deste estudo e dos estudos de caso dos países, o PNUD explora o impacto dos desastres nas MPMEs e o papel que as MPMEs podem desempenhar na redução e recuperação do risco de desastres. O estudo analisa o sucesso e os desafios que tentam tirar algumas conclusões gerais sobre como as MPMEs são afetadas por desastres; Que arranjos institucionais, políticos e de mercado podem torná-los mais resilientes?

O estudo tem como alvo formuladores de políticas, bem como praticantes de RRD, e visa aumentar o conhecimento e a compreensão do vínculo entre desastres e MPMEs e de como eles podem atuar como agentes de redução e recuperação de riscos de desastres. Ao fazer isso, o estudo fornece insights e orientações sobre as principais pré-condições e políticas que reforçam a **resiliência** das MPMEs e seu papel na recuperação.

FONTE: http://www.undp.org/content/dam/undp/library/Climate%20and%20Disaster%20Resilience/Disaster%20Resilience/Small_Businesses_Impact_of_Disasters_and_Building_Resilience_Case_Studies.PDF

Houston um ano depois de Harvey: Onde estamos e onde precisamos estar

Este documento fornece informações básicas sobre problemas críticos de enchentes nas áreas de Houston e Harris County como resultado do furacão Harvey, apresenta uma atualização sobre os progressos realizados até o momento, **discute os sucessos e deficiências dos planos de mitigação de inundações existentes e compartilha algumas ideias sobre como avançar planos para o futuro.**

Em primeiro lugar, as questões dos mapas obsoletos de planícies de inundação de 100 anos e o aumento das chuvas são discutidos porque são fundamentais para entender completamente o dilema atual e moldar conceitos alternativos para proteção a longo prazo. Em segundo lugar, uma visão geográfica das questões de inundação e possíveis respostas a várias bacias hidrográficas no condado de Harris estão definidas. Terceiro, diferentes conceitos de gerenciamento de inundação são discutidos para três zonas da área de Houston que têm diferentes problemas de inundação.

FONTE: http://docs.wixstatic.com/ugd/d29356_e091a002a4044214a943df4d5d2100df.pdf



OMS: quase 800 mil pessoas se suicidam por ano

Por ano, quase 800 mil pessoas em todo o mundo cometem suicídio, que é a segunda maior causa de morte entre pessoas de 15 a 29 anos de idade. Os números foram divulgados pela Organização Mundial da Saúde ([OMS](#)) na véspera do Dia de Prevenção do Suicídio, lembrado nesta segunda-feira (10). A agência da ONU também publicou um conjunto de orientações para ajudar a sociedade a impedir esse tipo de morte.

A cada 40 segundos, uma pessoa se suicida no planeta. De acordo com o organismo internacional, todos os países, sejam eles ricos ou pobres, registram casos de suicídio. Mas quase 80% desses óbitos são identificados em nações de renda baixa e média, segundo dados de 2016. A maioria das ocorrências acontece em zonas rurais e agrícolas.

O envenenamento por pesticida é o método usado em 20% de todas as mortes. Outros meios comuns são o enforcamento e o uso de arma de fogo.

A OMS lembra que, nos países de renda alta, já foi reconhecido um vínculo entre suicídio e problemas de saúde mental, como depressão e transtornos de uso de álcool. Mas muitos suicídios, aponta a agência da ONU, são cometidos por impulso, em momentos de crise.

[#VamosFalar pic.twitter.com/4LpUf8g4CX](https://pic.twitter.com/4LpUf8g4CX)

— OPAS/OMS (@OPASOMSBrasil) [9 de setembro de 2018](#)

O organismo internacional considera a prática do suicídio um problema de saúde pública e recomenda que países identifiquem os principais métodos que algumas pessoas usam para pôr fim à própria vida. Com isso, é possível restringir o acesso a esses meios. Outras medidas para prevenir esse tipo de morte é a implementação de políticas para limitar o consumo abusivo de álcool e drogas.

A OMS defende ainda o fornecimento de serviços de saúde mental eficazes. Governos também devem oferecer acompanhamento médico após tentativas de suicídio.

Na avaliação da agência das Nações Unidas, é necessária uma abordagem integrada, que mobilize não apenas a saúde, mas também a educação, os meios de comunicação, instituições trabalhistas e o setor agrícola.

Cada suicídio é uma tragédia que afeta famílias, comunidades e países inteiros, afirma a OMS. Em muitos países, o tema é um tabu — o que impede pessoas que tentaram se suicidar de procurar ajuda. Até hoje, apenas alguns países incluíram a prevenção do suicídio em suas prioridades de saúde e apenas 28 nações relataram ter uma estratégia nacional de prevenção.

Acesse as recomendações da OMS

FONTE: <http://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/272860/9789241513791-eng.pdf>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>